

OMNIRA

L I T E R A T U R A Jan/Jun - 2024

OMNIRA

Ano 24 • #18



O BRASILEIRO NÃO ENTENDEU AINDA A LEI ÁUREA

ALBERTO PEIXOTO
PÁG. 02

UM BARÔMETRO BALANCEANDO A ATMOSFERA DE SONHOS: UMA TENTATIVA DE PSICOCRÍTICA DA OBRA 'NZONJI' DE ARLINDO BARBEITOS

FERNANDO DHYAKAFUNDA
PÁG. 12

RELIGIÃO: 130 ANOS DE MÃE MENINHA DO GANTOIS

REYNAVALDO BRITTO
PÁG. 16

MORGANA GAZEL: A ESCRITORA DO PODER DE TRANSFORMAÇÃO DA LITERATURA

CARLOS SOUZA YESHUA
PÁG. 34

Preço para o exterior: USD 7 R\$ 20,00 KZ 2.500



O HORROR CAPAZ DE REENCANTAR NA DIÁSPORA:
UMA LEITURA DE HILDÁLIA FERNANDES E
JOVINA SOUZA MARGARETE CARVALHO - PÁG. 05



AS MANHÃS CELEBRADAS NA POÉTICA DE LUIZ EUDES

Da Redação

"Manhã na Garganta" é uma obra poética de singularidade marcante, tecida pelas habilidosas mãos de Luiz Eudes, que, com maestria, destila uma riqueza de emoções e imagens através de suas palavras cuidadosamente escolhidas. Complementando essa experiência sensorial, as ilustrações de Juarez Anuniação emergem como uma dança visual, oferecendo uma simbiose notável entre o verbal e o visual.

A obra transcende as fronteiras do convencional, mergulhando o leitor em um universo lírico onde a manhã adquire uma dimensão quase mística na garganta da expressão poética. Cada poema ressoa como um acorde bem afinado, explorando temas que vão desde a introspecção até a contemplação da natureza, capturando a efemeridade dos momentos como pássaros que alçam voo.

A presença do ilustrador Juarez Anuniação enriquece a experiência, acrescentando camadas visuais que dialogam harmoniosamente com a narrativa poética. Suas ilustrações não são meros complementos, mas sim parceiros de dança, contribuindo para a atmosfera única da obra.

A arte de capa concebida por Gessica Ronise para "Manhã na Garganta" é uma expressão visual magistral que dialoga diretamente com a essência poética da obra de Luiz Eudes. Ronise consegue capturar a atmosfera efêmera e contemplativa do livro por meio de sua habilidade artística, utilizando cores e formas que ecoam a delicadeza e a complexidade das palavras que residem entre as páginas. O prefácio do escritor e historiador Darlan Zurc, por sua vez, serve como uma entrada contemplativa, guiando o leitor através das complexidades e nuances presentes no universo poético de Luiz Eudes. Zurc desvenda a essência das palavras do autor, proporcionando uma introdução perspicaz e convidativa para aqueles que adentram neste reino poético.

"Manhã na Garganta" não é apenas um livro de poemas; é uma jornada sensorial, uma celebração da linguagem em sua forma mais evocativa. Luiz Eudes convida os leitores a desfrutarem da beleza efêmera, a saborearem cada palavra como se fossem gotas de orvalho na manhã da contemplação poética. ■



Apoio:



Rua Eurico Gonçalves s/n – Centro
Município de Moçâmedes
Namibe/Angola-África
E-mail: lealomnira@yahoo.com.br
Site: www.fundacaoomnira.com.br
WhatsApp: +55 71 98736 9778
Tel.: +244 928 170 213
ISSN 2319-0981

Jornalista responsável:
Roberto Leal (Angola)

Jornalista redactor:
Carlos Souza Yeshua (Brasil)

Conselho Editorial:
João Bosco Soares (Brasil)
Jovina Souza (Brasil)

Projecto gráfico e Edição:
Lino Greenhalgh (Brasil)

Correspondentes:
Carlos Cardoso (São Tomé e Príncipe)
Ismael Farinha (Angola)
Solange Correia (Cabo Verde)

Ilustração da Capa:
Raimundo dos Santos Bida (Brasil)

Colaboradores:

Angola:
Cristina Braça
Fernando Dhyakafunda
Ismael Farinha
Mário Quirino
Roberto Leal

Brasil:
Airton dos Reis Junior (MT)
Alberto Peixoto
Anajara Tavares
Audelina Macieira
Baco Figueiredo
Carlos Souza Yeshua
Claudia Almeida (ES)
Duda Pereira
Darlan Zurc (SP)
Edvaldo Rosa (SP)
Georgina Brito
Glória Terra (RS)
Italva Cruz
Jovina Souza
Luiz Eudes
Lucas Leão
Margarete Carvalho
Paula Gusmão (SP)
Raimundo Moura
Raymundo Luiz Lopes
Reynivaldo Britto
Roger Luiz
Tatiana Deiró

EUA:
Ivon Rosas

Moçambique:
Azagaia

Os textos são de inteira responsabilidade dos seus autores. Não representando assim a opinião da revista. Atenção: publicação com textos também no Português de Portugal. Impresso no Brasil. – Tiragem: 1.000 exemplares.

Maria Escolástica nasceu em Salvador, em 1894, no dia de Santa Escolástica, na Rua da Assembleia, entre a Rua do Tira Chapéu e a Rua da Ajuda, no Centro Histórico de Salvador, tendo como pais Joaquim Assunção e Maria da Glória Nazareth. Descendente de africanos escravizados, ainda criança foi escolhida para ser Iyalorixá (mãe-de-santo) do terreiro Ilê Iá Omi Axé Iamassê, fundado em 1849 por Maria Júlia da Conceição Nazaré, sua bisavó, cujos pais eram originários de Abeocutá, sudoeste da Nigéria.

Foi iniciada no culto dos Orixás de Queto aos 8 anos de idade por sua tia-avó e madrinha de baptismo, Pulquéria Maria da Conceição (Mãe Pulquéria), chamada Quequerê - em referência à sua posição hierárquica, iaquequerê (Mãe pequena). Menininha seria sua sucessora na função de Iyalorixá do Gantois. Com a morte repentina de Mãe Pulquéria, em 1918, o processo de sucessão foi acelerado. Por um curto período, enquanto a jovem se preparava para assumir o cargo, sua mãe biológica, Maria da Glória Nazareth, permaneceu à frente do Gantois.

O terreiro, que inicialmente funcionava na Barroquinha, na zona Central da Cidade do Salvador, foi posteriormente, transferido para o bairro da Federação onde hoje é o Ilê Axé Iá Nassô Oca, na Avenida Vasco da Gama, do qual Maria Júlia da Conceição Nazaré sua avó também fazia parte. Com o falecimento da iyalorixá da Casa Branca Iá Nassô, sucedeu Iá Marcelina da Silva Oba Tossi. Após a morte desta, Maria Júlia da Conceição e Maria Júlia de Figueiredo disputaram a chefia do Candomblé, cabendo a Maria Júlia de Figueiredo, que era a substituta legal (iaquequerê), tomar a posse como Mãe do Terreiro.

Maria Júlia da Conceição afastou-se e com as demais dissidentes fundou outra Ilê Axé, o Terreiro do Gantois, instalando-se em terreno arrendado aos Gantois - família de traficantes de escravos e proprietários de terras de origem belga - pelo cônjuge de Maria Júlia, o negro alforriado Francisco Nazareth de Eta. Situado num lugar alto e cercado por um bosque, o local de difícil acesso era bem conveniente numa época em que o Candomblé era perseguido pelas forças da ordem. Geralmente, os rituais terminavam subitamente com a chegada de Polícias. Em 1922, através do jogo de búzios, os Orixás Oxóssi, Xangô, Oxum e Obaluaiê confirmaram a escolha de Menininha, então com 28 anos. Em 18 de Fevereiro daquele ano, ela assumiu definitivamente o terreiro. Ali nascia a inesquecível Mãe Menininha do Gantois.

A partir da década de 1930, a perseguição ao Candomblé foi arrefecendo, mas uma “Lei de Jogos e Costumes” condicionava a realização de rituais à autorização policial, além de limitar o horário de término dos cultos às 22 horas. Mãe Menininha foi uma das principais articuladoras do término das restrições e proibições. “Isso é uma tradição ancestral, doutor”, ponderava a iyalorixá diante do Chefe da Delegacia de Jogos e Costumes. “Venha dar uma olhadinha o senhor também.” Convidava.

Mãe Menininha abriu as portas do Gantois aos brancos e católicos - uma abertura que, em muitos terreiros, ainda é vista com certo estranhamento. Mas, afinal, a Lei de Jogos e Costumes foi extinta em meados dos anos 1970. “Como um bispo progressista na Igreja Católica, Menininha modernizou o Candomblé sem permitir que ele se transformasse num espectáculo para turistas”, analisou o professor Cid Teixeira, da Universidade Federal da Bahia.

Nunca deixou de assistir à missa e até convenceu os bispos da Bahia a permitirem a entrada de mulheres nas igrejas, inclusive ela, vestidas com as roupas tradicionais do Candomblé. ■

Ao Senhor, com súplica

Darlan Zurc*

Para Luciano Robson, amigo querido e debatedor teológico dos melhores

Senhor, em vales da morte tenho andado,
de muitas trevas enormes tenho vivido.
Nem sequer um engasgo se deu por socorrido.
Só um choro preso havia me confortado.
Senhor, sei que é controversa Sua existência,
sei que são inescapáveis minhas dúvidas.
Enquanto luto com (loso(as estúpidas,
Seu sacro nome continua em evidência.
Senhor, nenhum sinal Seu a mim surgiu.
A esmo, levanto e durmo sem guiamento.
Nada ajuda ou cria algum avivamento.
O corpo está cheio. O espírito, vazio.
Senhor, parece fato o amor Lhe atribuído.
Porém, me tornei insensível no percurso.
O que era fé virou um estranho soluço.
E Sua glória não me deixa comovido.
Senhor, redobre o cuidado de sempre
para as criaturas de composição vil.
Assumo a culpa de quem pouco serviu,
reconduza os desgarrados a Seu ventre.
Senhor, de qualquer canto que nos veja,
releve os mortais mais mesquinhos.
Todos, como eu, permanecem sozinhos.
Cada um, como eu, já anseia que aí esteja.

Legião de pernilongos

De dia, sua grande e carnívora fome
é aplacada pelo açoite de raios solares,
embora nas frestas de todos os lares
uma multidão espreira e ainda não come.
As sombras escondem várias criaturas
se arregimentando até o entardecer.
Fileiras aguardam o tempo escorrer
para que mostrem as suas reais feiuras.
Um vertebrado que delas se aproxime
é vampirizado por uma sede sem 'm.
São voadores traçando, tipo cupim,
alguma carne pulsante que as anime.
A noite provoca um zumbido assustador
numa luta voraz da natureza pela vida.
A legião faz surgir qualquer ferida
em peles espichando sangue e horror.
Na certeza de dilacerar malfeitores,
os humanos matam as feras insistentes,
mas não se sabe (vendo os combatentes)
qual lado de'ne de fato os invasores.

Darlan Zurc sob fúria: em papel, e-book e audiobook*. Nas melhores livrarias (e nas piores também)

"Muito crítico"
FOLHA DE S. PAULO

"Ele escreve bonito"
RÁDIO CBN (PAULISTANA)



* O audiobook está acessível apenas a partir do e-book e via assistente de voz Alexa (Amazon), Assistant (Google) ou Siri (Apple) — para celular, computador, smart speaker e tablet.



Foto: Divulgação

*Darlan Zurc é escritor, historiador, ilustrador, professor, quadrinista, ex-bolsista de iniciação científica pela UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana/BA, com trabalho citado em mestrado de pesquisadora, e ex-revisor de textos e livros. Autor do livro de não ficção "A fúria de papéis espalhados" Ed. Scortecchi/2020-SP. Participou de várias antologias e coletâneas, entre elas, "Céus de chumbo", "Pluralis" e "A imaginação é um abismo". Colaborador nas obras "Filosofia grega antiga" e "Feira de Santana e Ruy Barbosa" (ambas do professor Raimundo Gama).